

## Dezembro, Ano Passado

Era um edifício de tijolo vermelho impecável na Rua Nove, perto da minha casa, pelo qual tinha passado muitas vezes sem reparar. Escadas de pedra e uma luz quente e confortável no interior. No passeio, uma senhora passeava o cão, um Boston terrier preto e de olhos esbugalhados. Sorriu-me. Interroguei-me se de alguma maneira ela sabia que eu era uma alma em dificuldades.

O meu problema recente fez-me lembrar um instrutor que tive na universidade, um israelita, sempre a rir-se da ingenuidade americana, que gostava de dizer: «Com o Freud, somos todos poetas nos nossos sonhos.» Para ele, a psicanálise e a interpretação dos sonhos eram maneiras de transformar as nossas pequenas misérias pessoais em mitos grandes e robustos. Eu não tinha qualquer intenção de fazer isso quando entrei no teu consultório. O meu problema, embora talvez pouco comum, parecia mais uma mania do que uma crise; não queria dramatizar, nem ser o herói que faz as perguntas certas, decifra os enigmas e mata o dragão num épico entoado nas ruas de Manhattan. Na verdade, posso dizer sinceramente que não tinha memória dos acontecimentos que descrevo nestas páginas — memória consciente, memória actual. São coisas que vivi na infância e que depois fechei num arquivo juntamente com os jogos de futebol, os presentes de Natal e as bolachas *Nutter Butters* proibidas à meia-noite. Com ambos os pais já falecidos e sem irmãos — e com muitas antigas relações cortadas —, o único caminho para o meu passado era através da mente. É estranho, por isso, e uma homenagem à tua pessoa, que tenhas descoberto isso no primeiro dia em que me conheceste.

O vestíbulo cheirava a alcatifa húmida, e a lâmpada estava fundida. Um começo pouco auspicioso, pensei. O edifício de tijolo vermelho era claramente uma residência privada. Havia caixas de correio no vestíbulo e uma bicicleta de montanha guardada debaixo das escadas. Aproximei-me do apartamento com a tabuleta «Dra. H. SURMAN». Bati à porta e apareceste, apertando-me a mão, sorrindo, mandando-me entrar no teu consultório, indicando-me uma cadeira de verga numa sala agradável com luz abundante (mas persianas discretas nas metades inferiores das janelas), plantas pendentes, várias almofadas e um odor a canela que talvez fosse uma espécie de aromaterapia (por que não?, pensei, receber plena compensação pelo que tinha pago). Entrelaçaste os dedos e o teu sorriso de saudação mudou para um sorriso de simpatia profissional. Passei as mãos pelos braços da cadeira e reparei nos rasgões na verga.

— Quantas pessoas não terão arranhado esta cadeira em ataques de angústia mental — comentei, forçando um riso.

Sorriste como uma esfinge. Entrávamos então verdadeiramente em território psiquiátrico: eu tinha feito um comentário revelador, tu não caíste na armadilha, recusando-te a divulgar informações sobre os outros pacientes ou a zombar do seu sofrimento. Muito bem.

— Então — começaste —, o que o traz por cá?

É engraçado como os pacientes te devem parecer banais. Como centenas antes de mim, entrei ali convencido de que meia dúzia de irritações e tristezas constituíam os «meus problemas». E depois, como centenas de outros, acabei por perceber como os factos, expostos, começavam a revelar padrões. Percebi a lógica subjacente à minha perturbação logo naquela primeira hora, mas apenas vagamente. Foi apenas um tremor, que depois se alargaria e intensificaria e, por vezes, ameaçaria submergir-me. Mas eu era um principiante nesse primeiro dia; um rapaz da cidade preparando-se para descer o Amazonas de canoa, cheirando o ar húmido e sentindo as primeiras sacudidas da viagem de *Jeep* e pensando, «Ah, isto não é assim tão mau», quando nem sequer tínhamos tirado as canoas do tejadilho do carro.

Falei-te do meu filho.

— Não consigo pegar nele — revelei.

Contei-te como nos primeiros dias aquilo parecera a ansiedade normal: quase enlouquecido pela falta de sono, saltando da cama às três da manhã para ver como estava a respiração do bebé, o medo de que pudesse

de alguma maneira quebrá-lo. No entanto, confessei-te, passaram-se dias, depois semanas, e ainda não conseguia suportar pegar nele — nem mesmo tocar-lhe. Quando, por breves instantes, me encontrava sozinho com ele, deixava-o ficar no berço e sentava-me ao lado, inalando o seu delicado odor a bebé e sentindo-me aterrorizado, como se pudesse cair da Terra, perder a gravidade e lançar-me no espaço.

— Isso parece um pouco exagerado — reconheceste.

No final do primeiro mês, esperava que a minha negligência pudesse ser atribuída a nervosismo paternal. Alguém repararia se trabalhasse mais horas que o costume; se saísse do quarto quando a minha mulher entrasse com ele; evitasse a minha mulher quando ela lhe desse de mamar; se não lhe trocasse as fraldas, desse banho, tocasse? Fiz passar o meu comportamento por antiquado: eu era machão. Mas mudei de outras maneiras. Tornei-me irritadiço, amargo, subitamente desconfiado da minha mulher. Após dois meses a desempenhar o papel de pai substituto, a minha sogra começou a fazer comentários. No início, por trás das minhas costas, mas por fim abertamente. A minha mulher defendeu-me durante algum tempo. Mas o trabalho extra cansava-a — e a minha aparente indolência deixava-a de rastos. As palavras e críticas mordentes transformaram-se em discussões, as discussões em guerra.

Finalmente, com lágrimas a escorrer-lhe pelo rosto, ela admitiu que já não podia conceder-me o benefício da dúvida, baseando-se em quatro anos de casamento e nove meses de afecto durante a sua gravidez. A minha indiferença naquele momento fê-la julgar que nunca me havia conhecido; estava desiludida; preocupava-se com o futuro do nosso filho, e com o futuro dela. O meu comportamento era inexplicável, imperdoável. Como podia continuar casada com um homem incapaz de cuidar do próprio filho? Queria que eu lhe desse uma explicação, ou procurasse ajuda. Em qualquer caso, a escolha era entre mudar ou partir. *E, bolas, pensa no nosso filho*, exclamara, de modo tão lamentável que lhe confessei que na presença do bebé ficava paralisado. Às vezes tremia apenas; outras entrava num transe de meia hora, uma hora. Não por causa da normal ansiedade parental; mas devido a uma profunda sensação de nulidade, choque, desorientação. Também era terrível para mim. Jurei-lhe que a amava e ao nosso filho mais do que tudo. No entanto, o sentimento que se apoderava de mim parecia incontrolável. Tinha esperado que passasse. Mas não passou.

A minha mulher ficou aliviada por saber que não era ela que estava louca. Prometemos um ao outro que tentaríamos resolver o problema. E ali estava.

— Já teve ataques de ansiedade semelhantes no passado? — perguntaste-me.

Nunca, respondi-te.

Perguntaste-me sobre o meu emprego, a minha educação, a minha história clínica, a minha saúde. Respondi a todas as tuas perguntas.

— Bem — disseste, franzindo o sobrolho.

Fizeste uma recapitulação do que eu havia descrito. Concordei que tinhas compreendido os problemas. Depois seguiu-se uma pausa, que eu, estando nervoso, me apressei a interromper.

— Não é a primeira vez que venho a um psiquiatra, pensando bem — revelei, olhando em volta.

Se fosses um cão, teria visto uma orelha levantar-se.

— Ah, não?

— Não — respondi —, fui em miúdo.

— Que idade tinha?

— Onze anos.

— Foi uma boa experiência?

— Sim, acho que sim. Senti-me melhor depois.

— Ainda bem. Gosto de saber quando as pessoas tiveram experiências positivas com a psiquiatria. Torna as coisas mais fáceis, da próxima vez. Não que a tarefa se torne mais fácil.

— Claro que não.

— Importa-se que lhe pergunte por que razão consultou um psiquiatra na altura?

— Andava... deprimido.

Inclinaste a cabeça. Tens boa intuição.

— Parece não ter a certeza.

— Acho que... — Hesitei. — Costumo dizer «deprimido» porque resume uma data de coisas. — Depois ri-me. — Digamos que, se lhe contasse, não acreditaria em mim.

— Não me está a dar muito valor.

— Não tem nada a ver consigo.

Esperaste.

— Há... — continuei. — Tinha a ver com... coisas fantasmagóricas.

— Fantasmagóricas? Quer dizer estranhas? Agora fiquei curiosa.

— É difícil explicar.

— Está bem.

Pingue. As palavras pairaram no ar. Não sabia se estavas a dizer para passar a outro assunto ou à espera que eu explicasse. Estava a ficar cansado de brincar aos psiquiatras.

— Oiça — comecei. — Hoje em dia muito poucas pessoas são religiosas. Sobretudo na cidade. Não gostam de falar de religião, nem do sobrenatural, nem sequer de admitir que essas coisas existem... excepto nos programas de televisão. Olham-nos com um desdém frio; és rotulado de provinciano, alguém do *Bible Belt*<sup>1</sup>... Eu sou da Virgínia. E francamente... bem, a doutora é uma cientista da mente. Eu não gostaria de ver as coisas em que acredito encaradas como espécimes, ou metáforas, ou esvaziadas como um balão com cepticismo profissional. Tenho a certeza de que já trabalhou num hospital psiquiátrico pelo menos uma vez na sua carreira e que já tratou maluquinhos a declamar sobre Deus, anjos e demónios, e não quero uma receita médica para *Haldol* — rematei, ofegante. — Sem querer ofender.

— Então todos os psiquiatras são judeus intelectuais e ateus do Upper West Side que fazem pouco do cristianismo?

— Não foi isso que quis dizer.

— Tudo bem — respondeste. — Não tem de falar do que não quer falar. Mas — continuaste, com um sorriso —, posso já dizer-lhe, pelo seu aspecto, que não vai precisar de *Haldol*.

Ergui as sobrancelhas.

— Quer apostar?

Durante um breve instante, crepitou alguma tensão entre nós.

— Podemos falar antes do presente? — sugeri.

— Com certeza — respondeste, parecendo aliviada.

Regressámos às boas maneiras e concluímos a sessão. Os cinquenta minutos tinham passado depressa. Mas eu ficara perturbado, como se tivesse um outro canal aberto, sentindo uma maré de recordações puxando

---

<sup>1</sup> Região dos Estados Unidos que abrange vários estados do Midwest e do Sul, em que o protestantismo evangélico e a direita religiosa são tradicionalmente dominantes. (NT)

por mim. Apesar da tensão momentânea, ou talvez por causa dela, estendi-te a mão e aceitei continuar com as consultas. Gostei de ti. És inteligente. Quando ia a sair, chamaste-me.

— Disse que gostava de escrever num diário — lembraste, aludindo a um comentário que eu tinha feito.

— Sim.

— Talvez possa escrever alguma coisa para mim. Para nós, aqui.

— Está bem.

— Como concordei que era melhor concentrar as nossas energias no presente, talvez o passado seja algo em que pode começar a trabalhar sozinho. Comece um caderno. Olhe, até lhe dou um, para não ter desculpas para adiar... — Tiraste dois cadernos de espiral da prateleira. — Os mesmos que eu uso. Escreva-me sobre aquela última visita ao psiquiatra... quando tinha onze anos. Não tem de me mostrar nada. Está bem?

Aceitei os cadernos.

— Sim, claro — respondi, rouco.

— Também quer uma caneta?

— Acho que consigo arranjar uma.

— Ótimo. — Seguraste a porta e voltaste a sorrir. — Espero que possamos trabalhar juntos.

Lá fora, nas escadas, a luz tinha mudado. A luz do dia retira-se tão cedo no Inverno. A rua estava mergulhada numa penumbra azul e sombria. Devia ter adivinhado, depois de entrar no consultório de uma psiquiatra, que voltaria a sair para a mesma rua como se esta fosse um planeta diferente. Detive-me por um momento. Uma mulher de sobretudo preto e sapatos finos caminhava na minha direcção. Trazia um volumoso saco de compras e roçou por mim ao passar, obrigando-me a apoiar-me no corrimão de ferro fundido. Abri a boca para dizer qualquer coisa, mas, quando ela passou por mim, percebi que não lhe conseguia ver o rosto, apenas uma mancha no lugar do rosto, e fiquei de boca aberta com o agressivo *Cuidado* preso na garganta. A rua acalmou, como pode acontecer em Nova Iorque. Sentei-me nos degraus, com os teus cadernos na mão, lembrando-me de coisas más.